

6.11.1

MORCEGOS (CHIROPTERA)

DA RESERVA BIOLÓGICA DE PEDRA TALHADA

DEOCLÉCIO DE QUEIRÓZ GUERRA



410

Um morcego suspenso num tronco de árvore.

INTRODUÇÃO

A ordem Chiroptera está representada pelos morcegos, também chamados andirás, guandiras e orelhudos, são uma curiosidade entre os mamíferos: são os únicos que apresentam estruturas especializadas que permitem um voo verdadeiro como asas e ossos dos membros locomotores longos, finos, tubulares e leves capacitando-os a voar (KUNZ & RACEY, 1998). A ordem Chiroptera se divide em duas subordens: os Megachiroptera e os Microchiroptera. A segunda é a única presente no "Novo Mundo". A diversidade dos mamíferos no Brasil constitui-se numa das maiores do mundo, atingindo, atualmente, 701 espécies estando os quirópteros classificados em segundo lugar em termos de número de espécies (174) precedidos apenas pelos roedores (234) o que corresponde a 24,8% e 34,7%, respectivamente (PAGLIA et al., 2012).

A sua distribuição geográfica abrange a totalidade do planeta, com exceção das zonas polares e algumas ilhas isoladas. São animais notívagos ou vespertinos. Os morcegos tem a dieta mais variada entre os mamíferos, pois podem comer frutos, sementes, folhas, néctar, pólen, artrópodes, pequenos vertebrados, peixes e sangue. Somente três espécies se alimentam exclusivamente de sangue: são os chamados morcegos hematófagos ou vampiros, encontrados apenas na América Latina.

Dessa maneira, morcegos contribuem substancialmente para a estrutura e dinâmica dos ecossistemas, pois atuam como polinizadores, dispersores de sementes, o que contribui no processo de regeneração de áreas florestadas degradadas, predadores de insetos (é importante ressaltar sua função na predação de insetos crepusculares e noturnos, podendo reduzir o número de mosquitos transmissores da dengue, leishmaniose, malária além de insetos daninhos para lavouras) (REIS et al., 2008), fornecedores de nutrientes em cavernas (o guano, nome dado aos excrementos de morcegos insetívoros que se acumulam em cavernas que abrigam "colônias" de morcegos, ricos em nitrogênio, fósforo e potássio, sendo utilizados como adubo em algumas zonas agrícolas do México) (VILLA-RAMIREZ, 1966) e vetores de doenças silvestres, dentre outras funções. Possuem ainda o extraordinário sentido da ecolocalização emitindo sons de alta frequência pela boca ou pelo nariz, que são refletidos por superfícies do ambiente indicando a direção e a distância relativa dos objetos, que utilizam para orientação, busca de alimento, comunicação e alarmes, acasalamento e agressão. Muitos dos sons emitidos pelos morcegos não são audíveis para a espécie humana (REIS et al., 2007).

Esse trabalho apresenta os registros do levantamento da quiropterofauna da Reserva Biológica de Pedra Talhada (Reserva) (estado de Alagoas e Pernambuco) realizado por D. Guerra durante os anos de 1995 e 1996, os resultados do subprojeto "Recuperação e Manejo dos Ecossistemas Naturais de Brejos de Altitude de Pernambuco e Paraíba", referentes à mastofauna dos Brejos de Altitude, no período de julho de 1997 a janeiro de 1998 (SOUSA et al., 2004), bem como de pesquisas de campo efetuadas pelo Dr A. Langguth no período de janeiro a maio de 1999. Foram registradas 27 espécies de microquirópteros no território da Reserva de Pedra Talhada distribuídas em 4 famílias. Os espécimes examinados encontram-se depositados nas coleções de mamíferos do Departamento de Sistemática e Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Comparando esse numero com as 174 espécies de morcegos conhecidos, ocorrentes no Brasil, é fácil deduzir que esse território de uma superfície equivalente a 0,053% da superfície total do país, reúne 15,5% das espécies de morcegos. Essa comparação traz uma prova suplementar da extrema biodiversidade da Reserva (6.11.1.1, 6.11.1.2). O professor A. Langguth (comunicação pessoal) que estudou a fauna de mamíferos de pequeno porte da Reserva, afirma que essa grande diversidade pode encontrar uma explicação na existência de uma importante variedade de habitats disponibilizados na Reserva, do semiárido ao úmido tropical.



6.11.1.1. Morcegos em uma casa perto da Reserva de Pedra Talhada.

412



6.11.1.2. Morcegos ligado a uma grande rocha na Reserva de Pedra Talhada.

Morcegos espetaculares na Reserva de Pedra Talhada

Alguns táxons observados na Reserva de Pedra Talhada são espetaculares, como o Morcego-comedor-de-rã (*Trachops cirrhosus*) que têm características únicas inabituais: a detecção das frequências baixas, inferior a 5 quilohertz, permite localizar as presas pelo seu canto; as glândulas salivares para produção de substâncias capazes de proteger a cavidade bucal dos componentes tóxicos presentes na pele dos anfíbios; o Morcego-nariz-de-lança (*Phyllostomus hastatus*) forma haréns com um macho entre 10 a 100 fêmeas; o Morcego-pescador-grande (*Noctilio leporinus*) do qual a forma do focinho e dos lábios se parece com o buldogue e que se alimenta de peixes (píscivoria), utilizando as longas garras de seus pés para capturá-los na superfície da água com auxílio da

ecolocalização; o Morcego-vampiro-perna-peluda (*Diphylla ecaudata*) que pode ingerir a metade do seu peso em sangue, depois tendo que urinar até tornar-se suficientemente leve para poder voar.



**Diphylla ecaudata* (Morcego-vampiro-perna-peluda).

RELAÇÃO DAS ESPÉCIES

Nomenclatura e arranjo taxonômico segundo REIS et al. (2011). Apesar da ocorrência de todas essas espécies, nem todas as fotos são provenientes de indivíduos fotografados na Reserva de Pedra Talhada, mas também de outras localidades do Nordeste do Brasil, estando representadas por (*).

Família Emballonuridae

São morcegos pequenos com olhos relativamente grandes, focinho alongado, orelhas ligeiramente pontudas ou arredondadas. A cauda é mais curta que a membrana interfemural, perfurando-a na face superior e ficando com a extremidade livre. Possui sacos glandulares na superfície superior das membranas das asas que armazenam secreções que são usadas na defesa do território ou durante a corte. São insetívoros, capturando pequenos insetos em pleno voo. Conhecidas 16 espécies no Brasil (PAGLIA et al., 2012).

Peropteryx macrotis (Wagner, 1843) (6.11.1.3) Morcego-narigudo

Essa espécie insetívora de pequeníssimo tamanho, pesando cerca de 5g, captura insetos voadores. A sua área de repartição abrange as zonas tropicais de altitude, das florestas secas às florestas pluviais. Ele vive em pequenos grupos com menos de 15 indivíduos. Utiliza os mais variados tipos de abrigos tanto naturais como artificiais (REIS et al., 2011).



A bolsa (saco) glandular fica situada no meio da superfície da membrana antebraquial, com abertura dirigida para o lado externo; nas fêmeas é reduzida a simples dobra da membrana, quase imperceptível.

6.11.1.3. **Peropteryx macrotis* (morcego-narigudo).

Peropteryx kappleri (Peters, 1867) Morcego-narigudo

Espécie similar a *P. macrotis*, ligeiramente maior em tamanho, diferindo na sua coloração pardo-avermelhado claro (SOUSA et al., 2004) e pelagem mais densa. Segundo JONES & HOOD (1993), a espécie prefere as florestas úmidas, porém tolera habitats mais secos e forrageia sobre clareiras abertas e campos. Nas matas forrageiam no sub-bosque. Insetívora, vivem em pequenos grupos de 1 a 6 indivíduos em ocos de árvores ou em ambientes rochosos ocupando pequenas grutas ou espaços entre rochas (GUERRA, 2007). Abrigam-se ainda em ocos de árvores e câmaras escuras formadas por troncos caídos (PERACCHI & NOGUEIRA, 2007).

Saccopteryx leptura (Schreber, 1774) (6.11.1.4)

Espécie de pequeno tamanho. Os morcegos desse gênero se caracterizam por apresentar bolsas bem desenvolvidas nos machos, no propatágio, porém, diferentemente dos *Peropteryx*, situadas junto ao antebraço, próximo ao cotovelo. Ao contrário da espécie próxima, *S. leptura* preferem abrigar-se no tronco exposto de grandes árvores podendo ser classificado, segundo VILLA-RAMIREZ (1966) quanto a sua postura característica, como “fitófilos, externos de contato”. Exclusivamente insetívoros.



414

6.11.1.4. *Saccopteryx leptura*.

Família Phyllostomidae

Os morcegos dessa família apresentam como característica marcante a presença de uma folha nasal membranosa em forma de lança ou folha, na extremidade do focinho, porém, na subfamília Desmodontinae essa estrutura é reduzida e modificada em forma (REIS et al., 2007). É a mais diversificada da região neotropical, contando atualmente com 90 espécies no Brasil. Apresentam uma grande diversificação de hábitos alimentares como insetivoria, carnívoria, frugivoria, folivoria, granivoria, necrotívoria, onívoria e hematofagia (REIS et al., 2011).

Subfamília Desmodontinae

Desmodus rotundus (E. Geoffroy, 1810) (6.11.1.5) Morcego-vampiro-comum

É a espécie mais comum entre os morcegos hematófagos. Conhecido como morcego vampiro, alimenta-se de sangue de mamíferos de grande porte como equinos, bovinos, caprinos e suínos. Os dentes superiores afiados fazem recordar o seu modo de alimentação exclusivo. Ele só começa a

locomover-se bem após o poente, num voo ágil, pousando no solo para aproximar-se das suas vítimas caminhando ou pousando diretamente no dorso do animal. Com um salto vigoroso ele ataca, rasgando a pele e injetando um anticoagulante para em seguida lamber o sangue que escorre da ferida. Em muitos casos a vítima nem sente a mordedura, podendo até atacar um animal adormecido sem que ele se desperte. A sua importância socioeconômica, devido à transmissão do vírus rábico, especialmente nas áreas de veterinária e saúde pública, é uma das mais bem conhecidas e estudadas do mundo. São de médio porte medindo, aproximadamente, 35 cm de envergadura e pesando entre 30 e 50 g no animal adulto.

Abriga-se em ocos de árvore, cavernas, locas de pedra, bueiros, e construções civis abandonadas ou não. Tem ampla distribuição no Brasil e em toda a região neotropical ocorrendo em todas as zonas fitogeográficas (GUERRA, 2007).



6.11.1.5. **Desmodus rotundus* (morcego-vampiro-comum).

Diphylla ecaudata (Spix, 1823) (6.11.1.6) Morcego-vampiro-perna-peluda

A espécie tem o mais especializado hábito alimentar entre as 3 espécies de morcegos hematófagos. Alimenta-se exclusivamente de sangue de aves e a sua mordida é efetuada no tarso, pés e cloaca (GREENHALL et al., 1984). Os sensores térmicos situados no nariz permitem-lhe detectar uma veia acessível na vítima. Ele começa lambendo a pele para afastar pelos ou plumas e em seguida morde a presa antes de beber o seu sangue. Um adulto pode assim, em meia hora, ingerir a metade do seu peso em sangue. Com o maior peso é forçado a urinar

até tornar-se suficientemente leve para poder voar. O *D. ecaudata* não sobrevive mais de dois dias sem se alimentar. É encontrado quase que exclusivamente em cavernas e raramente em ocos de árvores. A pelagem é densa, cobrindo antebraços, pernas e membrana interfemural. Diferenciam-se das outras duas espécies de hematófagos por possuir olhos grandes, orelhas pequenas e arredondadas e folha nasal pouco desenvolvida (AGUIAR, 2007).



6.11.1.6. **Diphylla ecaudata* (morcego-vampiro-perna-peluda).

Subfamília Glossophaginae

Os morcegos da subfamília dos Glossophaginae possuem uma morfologia que lhes permite extrair facilmente o néctar das flores, utilizando a técnica de voo estacionário como fazem os colibris, assim conseguem extrair o suco e a polpa dos frutos maduros. O focinho é pontudo, a língua longa e extensível é provida na extremidade, de longas papilas formando em certos casos uma escova e o rosto é muito desenvolvido, dirigidas da frente para trás, o que facilita a retirada do néctar. Os morcegos nectarívoros atingem um percentual de 13,1% entre os agentes polinizadores, ao lado dos insetos (69,9%) e dos beija-flores (15%), (MACHADO & LOPES, 2003).

Anoura caudifer (E. Geoffroy, 1818) Morcego-focinhudo

Morcego relativamente pequeno possuindo focinho um pouco alongado. A pelagem varia de marrom a marrom-acinzentada, sendo mais clara no ventre. Como nas demais espécies do gênero não possui incisivos inferiores. Alimenta-se de néctar, pólen, insetos e frutos. Abriga-se nos mais diversos ambientes naturais e artificiais (NOGUEIRA et al., 2007).

Glossophaga soricina (Pallas, 1766) (6.11.1.7) Morcego-beija-flor

É uma das espécies de Phyllostomidae mais amplamente distribuída na região neotropical, tanto em ambiente de mata como de caatinga, ocorrendo em todos os biomas brasileiros. Alimenta-se de néctar e pólen, porém, segundo GARDNER (1977), pode complementar sua dieta com partes florais e insetos (raramente). Muito comum tanto no campo como nas cidades, o morcego-beija-flor vive em lugares escuros como os forros das residências, os poços e mesmo os bueiros junto às calçadas. Ele sai à noite em busca das flores, que identifica pela cor, pois muitas flores noturnas são esbranquiçadas, e também



6.11.1.7. **Glossophaga soricina* (morcego-beija-flor).

pele pelo odor, pois é dotado de um olfato aguçado. Juntamente com duas outras espécies da subfamília, *Lonchophylla mordax* THOMAS, 1903 e *Xeronycteris vieirai* GREGORIN & DITCHFIELD 2005 (o segundo não foi observado na Reserva) é um importante agente polinizador das espécies vegetais da caatinga, como os demais representantes da subfamília (GUERRA, 2007).

Lonchophylla mordax (Thomas, 1903) (6.11.1.8) Morcego língua-longa



6.11.1.8. **Lonchophylla mordax* (morcego-língua-longa).

Apresenta dimensões médias dentro do gênero. Pouco maior do que *G. soricina*, com peso variando entre 8 e 11 g e focinho mais alongado. Pelagem dorsal variando de um pardo amarelado ao pardo avermelhado. Espécie predominantemente nectarívora podendo consumir também insetos. Importante agente polinizador das espécies vegetais da Caatinga. Ocorre em diversos biomas brasileiros. Abriga-se em cavernas.

Subfamília Phyllostominae

Lonchorhina aurita (Tomes, 1863) (6.11.1.9)

Espécie de porte médio, pesando entre 10 e 16g e coloração dorsal normalmente marrom escuro. Facilmente reconhecida pela sua folha nasal extremamente desenvolvida e orelhas grandes. Cauda longa prolongando-se até a extremidade da membrana interfemural (uropatágio). Essa espécie que se ativa ao pôr-do-sol alimenta-se principalmente de insetos, ocasionalmente de aranhas, e algumas vezes de frutos. Ocorre em todos os biomas brasileiros e abriga-se em diversos abrigos naturais rochosos tais como aglomerado de blocos superpostos formando locas e pequenas cavernas, constituindo populações de dezenas de indivíduos. Vive em grandes colônias, em grutas situadas nas florestas tropicais pluviais caducifólias e nas florestas de vegetação densa e espinhosa. Em Pernambuco, no município de Toritama, foram observados em agrupamentos de centenas de indivíduos coabitando com *Diphylla ecaudata*, *Desmodus rotundus* e *Carollia perspicillata* (GUERRA, 2007).



6.11.1.9. **Lonchorhina aurita*.

Lophostoma silvicolum (d'Orbigny, 1836) Grande-morcego-orelha-redonda

Estes morcegos de tamanho médio possuem orelhas muito grandes e arredondadas. São predominantemente insetívoros, geralmente complementando a dieta com parcelas de frutas e flores. Foi observada a presença de ossos e carne no estômago de *L. silvicolum* na Amazônia (REIS & PERACCHI, 1987). Sua ocorrência foi registrada em Floresta Atlântica e Caatinga, sendo rara nos brejos (SOUSA et al., 2004).

Micronycteris megalotis (Gray, 1842) Morcego-pequeno-de-orelha-grande

Morcego de porte relativamente pequeno dentro do gênero. *M. megalotis* é membro do grupo dos *Micronycteris* de ventre escuro apresentando pelagem marrom tanto no dorso como no ventre. Como as demais espécies do gênero os pelos dorsais são bicoloridos, com a base branca. A sua dieta inclui principalmente insetos, com aparente predominância de coleópteros e lepidópteros. Utilizam como abrigo diurno cavernas, locas de pedra, ocas de árvores, cupinzeiros, bueiros e outras construções humanas. Formam pequenos agrupamentos de, no máximo, 10 indivíduos (NOGUEIRA et al., 2007).

Micronycteris minuta (Gervais, 1856) (6.11.1.10)

Espécie de tamanho relativamente pequeno dentro do gênero com peso variando de 6,5 a 8,5 g. O dorso é castanho (marrom) com os pelos de base branca. O ventre é claro, variando entre branco e cinza bem claro. Dieta predominantemente insetívora embora possam consumir pequenos frutos. As espécies do gênero são encontradas em todos os biomas brasileiros e ocorrem nos mais variados tipos de habitats como florestas úmidas, secas, clareiras e pomares.



6.11.1.10. **Micronycteris minuta*.

Indivíduos isolados ou formando pequenos grupos tem sido encontrados em ocas de árvores, frestas entre rochas, sob pontes, em bueiros e residências (REIS et al., 2007, 2011). É primariamente um habitante de florestas tropicais, embora tenha sido coletado um indivíduo em área de caatinga arbustiva de médio porte.

Phyllostomus discolor (Wagner, 1843) Morcego-nariz-de-lança

Espécie de tamanho médio dentro do gênero. As orelhas são mais curtas do que a cabeça e a folha nasal é mais larga do que comprida. Espécie onívora como as demais do gênero, entretanto, pode haver predominância de determinados itens em sua dieta. Ocorre em todos os biomas brasileiros. Abrigam-se em cavernas, ocas de árvores e construções humanas formando grupos de até 25 indivíduos (NOGUEIRA et al., 2007). Alimenta-se de frutos, partes florais, pólen, néctar e preferencialmente insetos (GARDNER,

1977). É comum capturar indivíduos com a cabeça polvilhada de pólen. Dentre as espécies do gênero é uma das que oferece menos reação defensiva ao ser manipulada durante a sua retirada das redes de captura. (GUERRA, 2007).

Phyllostomus hastatus (Pallas, 1767) (6.11.1.11)
Morcego-nariz-de-lança

Essa é a maior espécie do gênero sendo uma das maiores espécies das Américas pesando até 140g. Formas robustas, com folha nasal bem desenvolvida quase tão larga quanto alta e lanceolada. A pelagem é curta e aveludada e, geralmente, dorso e ventre possuem coloração bastante similar, variando do marrom escuro ao marrom avermelhado. Considerado onívoro, ocorre em todos os biomas brasileiros utilizando como abrigo diurno cavernas, bueiros, ocos de árvores, construções humanas.



6.11.1.11. **Phyllostomus hastatus* (morcego-nariz-de-lança).

Formam haréns com um macho entre 10 a 100 fêmeas (NOGUEIRA et al., 2007). Seus hábitos alimentares incluem uma variedade de insetos, pequenos vertebrados, frutos, partes florais, pólen e néctar, atuando como importante agente polinizador (GARDNER, 1977).

Trachops cirrhosus (Spix, 1823) (6.11.1.12)
Morcego-comedor-de-rã

Essa espécie é facilmente identificada pela presença de pequenas estruturas epidérmicas cilíndricas ou coniformes em forma de verrugas nos lábios e "queixo". Orelhas grandes, mais longas do que a cabeça quando estendidas para frente. Cauda curta perfurando a face dorsal da membrana interfemural. É um morcego carnívoro e sua dieta consiste de insetos e pequenos vertebrados, sendo especializado em predar répteis, anfíbios, anuros e ocasionalmente pequenos mamíferos. É considerada uma espécie onívora, oportunista (PERACCHI et al., 2011). Na periferia de açudes, bebedouros naturais e riachos, p.ex., é comum coletar *T. cirrhosus* nos níveis mais baixos das redes de neblina e observar voos próximos ao nível do solo em suas atividades de forrageio (GUERRA et al., 2007). Encontra-se frequentemente na

Floresta Atlântica, sendo raro nos brejos de altitude. (SOUSA et al., 2004). Esse morcego possui características inabituais nos Quiróptera. Além dos ultrassons utilizados pelo sistema de ecolocalização, cuja frequência é superior a 20 quilohertz, ele é capaz de detectar sons de baixíssima frequência, inferior a 5 quilohertz, graças à anatomia particular das suas orelhas. Ele possui, além disso, glândulas salivares formadas por tecidos muito especiais e apresentando um teor em lipídeos importante. Essas duas características podem ser explicadas pelo fato que o *T. cirrhosus* se alimenta de rãs. Assim, por um lado, a detecção das frequências baixas permite-lhe localizar as presas pelo seu canto, diferenciando-as acusticamente e evitando assim ataques contra espécies não comestíveis e por outro lado, as glândulas salivares muito provavelmente tem como função a produção de substâncias capazes de proteger a cavidade bucal dos componentes tóxicos presentes na pele dos anfíbios.



6.11.1.12. *Trachops cirrhosus* (morcego-comedor-de-rã).

Subfamília Carollinae

Carollia perspicillata (Linnaeus, 1758)
Morcego-fruteiro-de-cauda-curta

Tamanho médio entre os Phyllostomidae. Apêndice nasal bem desenvolvido, focinho curto. Orelhas bem separadas entre si, largas e mais curtas do que a cabeça, com extremidades arredondadas. Esta espécie é uma das mais comuns e estudadas da região neotropical além de ser um dos principais agentes de regeneração das florestas. A dieta consiste principalmente de frutos, mas também é complementada com néctar, pólen e insetos. Apresenta uma ampla distribuição geográfica.

Subfamília Stenodermatinae

Artibeus planirostris (Spix, 1823) (6.11.1.13) Morcego-fruteiro

Morcegos de tamanho médio com peso máximo de 70g. Possui coloração acinzentada com duas listras brancas paralelas, que se estendem da base da folha nasal até a base das orelhas, quase imperceptíveis, ao contrário da espécie próxima, *Artibeus lituratus*, cujas listras são nitidamente brancas. Não possuem cauda. É um dos morcegos frugívoros mais comuns nas florestas neotropicais habitando folhagens das árvores, construções humanas, cavernas e serrotes em ambientes xerofíticos. Abundante em ambientes de mata, cerrado e caatinga. A dieta consiste principalmente de uma variedade de frutos, sendo complementada com néctar, pólen e flores, partes florais além de folhas e insetos.



6.11.1.13. **Artibeus planirostris* (morcego-fruteiro).

Artibeus lituratus (Olfers, 1818) Morcego-fruteiro-de-cabeça-listrada

Morcego de tamanho grande pesando mais de 70g e facilmente identificável pelas listras faciais brancas distintas. Apresenta uma coloração castanha clara. Como as demais espécies do gênero não possuem cauda. São solitários ou formam pequenos aglomerados de 4, 5, e até 16 indivíduos. Abriga-se sob a folhagem das árvores como palmeiras e diversas árvores frutíferas sendo de fácil observação nesses abrigos diurnos. Comum nas regiões de mata, cerrado e pouco frequente na caatinga. Abundante em áreas urbanas. Sua dieta consiste principalmente de uma variedade de frutos, sendo complementada com néctar, pólen e flores, além de folhas e insetos.

Dermanura cinerea (Gervais, 1856) (6.11.1.14) Pequeno-morcego-fruteiro



6.11.1.14. **Dermanura cinerea* (pequeno-morcego-fruteiro).

Espécie de pequeno porte, com listras brancas faciais, às vezes pouco evidentes. Não possuem cauda. Peso corporal em torno de 12g. A coloração varia de marrom-acinzentado a marrom-enebecido no dorso, normalmente mais clara na região ventral. Listras faciais variando de indistintas a proeminentes (PERACCHI et al., 2011). Alimentam-se ba-

sicamente de frutos, atuando como importante dispersor de sementes, complementando a dieta com néctar e insetos. São comuns na Floresta Atlântica.

Platyrrhinus lineatus (E. Geoffroy, 1810) (6.11.1.15) Morcego-linha-branca

Espécie endêmica da América do Sul, de ampla distribuição no continente.

Morcegos de tamanho médio, sendo maior do que o *D. cinerea*, descrito anteriormente. Colorido variando de pardo escuro a pardo claro na região dorsal. Região ventral pardo acinzentado. Sem cauda. Apresentam na cabeça quatro listras brancas sendo duas paralelas na frente, da base da folha nasal até a parte posterior das orelhas, e duas nas faces, sob os olhos. Possui no dorso uma linha branca bem evidente que se estende da parte posterior da cabeça até a base da membrana intermembranal o que lhes dá certa graciosidade.

É encontrado tanto em ambientes úmidos como em ambientes mais secos. Comum nas florestas e se alimenta de insetos, folhas, frutas e néctar. Abriga-se em grutas e sob a folhagem das árvores frondosas.



6.11.1.15. **Platyrrhinus lineatus* (morcego-linha-branca).

Pygoderma bilabiatum (Wagner, 1843)
Morcego-lábio-duplo

Espécie endêmica da América do Sul. Tamanho médio. Peso em torno de 22g. São morcegos frugívoros e caracterizam-se pela presença de uma prega labial superior e manchas brancas em cada espádua. Possuem olhos grandes com focinho curto e largo. É de ocorrência rara no Nordeste, com poucos registros na Floresta Atlântica da Paraíba e de Pernambuco, sendo ausente na Caatinga. Apenas um exemplar foi coletado num brejo, por A. Langguth, em 1999 (SOUZA et al., 2004).

Sturnira lilium (E. Geoffroy 1810)
Morcego-de-ombros-amarelos

Podem ser facilmente reconhecidos pela ausência de cauda e uropatágio muito estreito e peludo. Membros posteriores e os pés são peludos até as garras. Orelhas pequenas. Peso médio em torno de 20 g. Coloração variando do pardo escuro ao pardo amarelado. Alguns indivíduos machos apresentam tufo de pelo laranja vivo ou laranja avermelhado. Sua dieta consiste de frutos e néctar, complementada com pólen e insetos. Abrigam-se em grutas, edificações humanas, folhagem e ocos de árvores.

Família Noctilionidae

Os membros dessa família originária da América tropical e que se compõe de 1 único gênero e 2 espécies, são apelidados morcegos-buldogues por conta da forma do focinho e dos lábios que se parecem com a desses canídeos. Pelo hábito de voar sobre lâminas d'água em suas atividades de forrageio, à caça de pequenos peixes e insetos, são também conhecidos como "morcego pescador".

De médio a grande porte, possuem asas estreitas e recortadas, patas relativamente compridas se comparadas às dos outros morcegos, assim como pés e garras bem desenvolvidas. Cauda mais curta do que a membrana interfemural que é bem desenvolvida. Os lábios são muito desenvolvidos e formam uma bolsa em cada bochecha, no interior da qual eles podem armazenar temporariamente os insetos capturados.

Noctilio leporinus (Linnaeus, 1758) (6.11.1.16)
Morcego-pescador-grande

Essa espécie tem pelagem curta com a coloração variando de castanho acinzentado a laranja claro e do amarelo vivo ao amarelo avermelhado. São considerados de grande porte. O comprimento total (cabeça e corpo) varia de 78 a 127 mm e o peso entre 22 e 64 g (PERACCHI et al., 2011). Vivem normalmente próximo de água ou em zonas úmidas, residindo em árvores ocas ou frestas rochosas podendo também ocupar o telhado de residências e estruturas de concreto, tais como pontes e viadutos. Eles liberam um cheiro nauseabundo (almiscarado) e característico, que facilita a localização dos seus abrigos. Essa espécie alimenta-se de peixes (piscivoria) utilizando as longas garras de seus pés para capturar os peixes na superfície da água com auxílio da ecolocalização. Estudos dos hábitos alimentares dessa espécie constataram também a presença de insetos, aracnídeos e pequenos crustáceos como pequenos camarões. A outra espécie do gênero, *N. albiventris* (não foi observada a Pedra Talhada), é menor, com peso variando entre 18 e 44 g de hábito alimentar exclusivamente insetívoro (REIS et al., 2007).



6.11.1.16. **Noctilio leporinus* (morcego-pescador-grande).

Família Vespertilionidae

Eptesicus furinalis (d'Orbigny & Gervais, 1847)

São animais pequenos com antebraço variando de 36,5 a 42,5 mm. O peso entre as espécies do gênero pode variar de 7 a 30 g. Coloração dorsal castanho escuro no dorso e pelos de base escura e ponta castanho-amarelada na região ventral. Apresentam orelhas de formato triangular e cauda comprida totalmente envolvida pela membrana interfemural. Alimentam-se exclusivamente de insetos (PERACCHI et al., 2011).

Lasiurus blossevillii (Lesson & Garnot, 1826) Morcego-vermelho

São morcegos pequenos com peso entre 8 e 10 g. Possuem uma coloração dorsal pardo-avermelhado com região ventral mais clara com tons amarelados, mesclado com pelos mais escuros. Apresenta cabeça curta, focinho largo, orelhas curtas e arredondadas. O uropatágio é densamente piloso em sua face dorsal exceto na borda posterior onde os pelos são mais esparsos. Cauda totalmente contida na membrana interfemural (uropatágio). Insetívoro, capturando suas presas em voos rápidos e em elevadas altitudes. Abrigam-se em troncos de árvores, folhagens mais densas das árvores e edificações humanas (REIS et al., 2007).

Apesar de esta espécie ter ampla distribuição geográfica, apenas dois exemplares foram coletados na Reserva de Pedra Talhada.

Myotis nigricans (Schinz, 1821) (6.11.1.17) Morcego-borboleta-escuro

Myotis é o gênero com distribuição mais ampla entre todos os morcegos. Pertence ao segundo gênero de mamíferos mais distribuídos no mundo, com exceção das regiões árticas, antárticas e ilhas isoladas sendo a espécie do gênero a mais comum da região Neotropical. Esta espécie, de tamanho pequeno, apresenta coloração dorsal pardo escuro variando para o pardo avermelhado. Membrana interfemural larga e comprida, excedendo os pés e envolvendo toda a cauda, menos uma pequeníssima parte de sua extremidade. Possui hábito exclusivamente insetívoro aéreo de florestas e clareiras. Dentre as espécies brasileiras do gênero é a que aparece com maior frequência nos inventários mastofaunísticos, sendo capturada tanto em ambientes bem conservados quanto em áreas perturbadas com vegetação secundária. Abrigam-se nos mais diversos ambientes naturais e artificiais

sendo comumente encontrados em edificações humanas (GUERRA, 2007; REIS et al., 2007).



6.11.1.17. **Myotis nigricans* (morcego-borboleta-escuro).

Myotis ruber (E. Geoffroy, 1806) Morcego-borboleta-avermelhado

Bastante semelhante a *M. nigricans* no aspecto externo, porém um pouco maior. Pelos da região dorsal mais compridos atingindo cerca de 5 mm. O colorido da região dorsal varia do pardo castanho escuro ao pardo avermelhado. Orelhas, quando estendidas para frente, sobre o focinho ultrapassam cerca de 2 mm a extremidade da região nasal. Cauda totalmente envolvida pela membrana interfemural. Esta espécie insetívora distribui-se principalmente na Floresta Atlântica do sul e sudeste do Brasil.

Em Pernambuco essa rara espécie foi coletada na Serra dos Cavalos, Caruaru, na Reserva de Serra Negra, Inajá e no Brejo da Madre de Deus, assim como na Reserva de Pedra Talhada, na Mata do Cafuringa o que amplia a sua distribuição no Nordeste do Brasil. Vale salientar que todos os exemplares foram coletados em matas de altitude, os chamados "brejos de altitude" acima de 600 m do nível do mar. Utilizam como abrigo diurno os mais variados tipos de ambientes naturais e artificiais embora poucos estudos tenham sido realizados sobre a espécie no Nordeste do Brasil (GUERRA, 2007).

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a Wallace R. Telino-Júnior por fornecer grande parte das imagens usadas na ilustração do capítulo, também a Christian Willig, Laurent Godé, Pascal Gauss e Thomas Tscherner por fornecer algumas imagens.

ENDEREÇO DO AUTOR

DEOCLÉCIO DE QUEIRÓZ GUERRA, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Centro de Ciências, Biológicas, Departamento de Zoologia. CEP 50670-420, Recife, PE, Brasil
biodguerra@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, L. M DE S. 2007. Subfamília des modontinae. 39 – 43. *In*: REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA (eds.). *Morcegos do Brasil*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina.
- GARDNER, A. L. 1977. Feeding habits, p. 293-350. *In*: BAKER R. J., J. K. JONES & D. C. CARTER (eds.). *Biology of bats of the new world family Phyllostomatidae*. Part II: 1-364. Special Publications of the Museum, Texas Tech. University, Lubbock, Texas 13.
- GREENHALL, A. M., U. SCHMIDT & G. JOERMANN. 1984. *Diphylla ecaudata*. *Mammalian Species, Washington*, 227: 1-3.
- GUERRA, D. Q. 2007. *Chiroptera de Pernambuco: distribuição e aspectos biológicos*: 1-103. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal). Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- JONES, J. K. JR. & C. S. HOOD. 1993. Synopsis of South American bats of the Family Emballonuridae. *Occasional Papers the Museum Texas Tech. University, Lubbock, Texas* 155: 1-32.
- KUNZ, T. H. & P. A. RACEY. 1998. *Bat biology and conservation*. Smithsonian Institution Press. Washington.
- MACHADO, I. C. & A. V. LOPES. 2003. Recursos florais e sistemas de polinização e sexuais em caatinga. 515-563. *In*: LEAL I. R., M. TABARELLI & J. M. C. DA SILVA (orgs.). *Ecologia e conservação da caatinga*: 1-804. Editora UFPE, Recife.
- NOGUEIRA, M. R., D. DIAS & A. PERACCHI. 2007. Subfamília Glossophaginae. 45-59. *In*: REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA (eds.). *Morcegos do Brasil*. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- PAGLIA, A. P., G. A. B. DA FONSECA, A. B. RYLANDS, G. HERRMANN, L. M. S. AGUIAR, A. G. CHIARELLO, Y. L. R. LEITE, L. P. COSTA, S. SICILIANO, M. C. M. KIERULFF, S. L. MENDES, V. DA C. TAVARES, R. A. MITTERMEIER & J. L. PATTON, 2012. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. 2ª ed. *Occasional Papers in Conservation Biology* 6: 1-76.
- PERACCHI, A & M. R. NOGUEIRA. 2007. Família Emballonuridae. *In*: REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA. (eds.). *Morcegos do Brasil*. 27-36. Universidade Estadual de Londrina. Londrina.
- PERACCHI, A. L., I. P. LIMA, N. R. REIS & M. R. NOGUEIRA, H. ORTENCIO FILHO. 2011. Ordem Chiroptera. *In*: REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA, (orgs.). *Mamíferos do Brasil 2ª ed.*: 155-234. Londrina.
- REIS, N. R. & A. L. PERACCHI. 1987. Quirópteros da região de Manaus, Amazonas, Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Ser. Zool.* 13: 161-182.
- REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA, (eds.). 2007. *Morcegos do Brasil*: 1-253. Londrina.
- REIS, N. R., A. L. PERACCHI & G. A. S. D. SANTOS (eds.). 2008. *Ecologia de Morcegos*: 1-148. Londrina.
- REIS, N. R., A. L. PERACCHI, W. A. PEDRO & I. P. LIMA (eds.). 2011. *Mamíferos do Brasil 2ª ed.*: 1-439. Londrina.
- SOUSA, M. A. N., A. LANGGUTH & E. DO A. GIMENEZ. 2004. Mamíferos dos Brejos de Altitude em Paraíba e Pernambuco. 229-254. *In*: PORTO, K. C., J. J. P. CABRAL & M. TABARELLI. (eds.). *Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba: História Natural, Ecologia e Conservação*. MMA, Brasília.
- VILLA-RAMIREZ, B. 1966. *Los Murciélagos de México*: 1-491. Instituto de Biología, Universidad Nacional Autónoma de México, México.